

LEITURA E ESCRITA NO AMBIENTE ESCOLAR: UMA ANÁLISE SOBRE O APROVEITAMENTO DESSAS FERRAMENTAS EM SALA DE AULA ATRAVÉS DE PROJETOS.

Ana Paula Azevedo dos Santos¹
Adriana Aparecida das Neves de Queiroz²

Resumo: A leitura do mundo e a leitura da escrita estão dinamicamente juntas, efetuadas a partir de palavras e temas significativos à experiência de mundo dos alunos e não especificamente ligados à experiência do educador. Este artigo trata da leitura no ambiente escolar e suas implicações na vida dos alunos sob um olhar discursivo. Está baseado na corrente teórico-metodológica Análise do Discurso, em alguns autores que discutem o tema e em observações realizadas nas aulas de Língua Portuguesa durante a minha participação no Programa Residência Pedagógica. Há anos a educação vem sofrendo duras críticas, principalmente no que diz respeito ao ensino da leitura e ao aperfeiçoamento desta pelos estudantes, uma vez que eles têm dificuldades em ler e compreender o que estão lendo e os professores não conseguem desenvolver estratégias para contornar essa situação.

Palavras-Chave: Leitura; escrita; estratégias, sala de aula.

Abstract: Reading the world and reading writing are dynamically linked, based on words and themes that are significant to the students' experience of the world and not specifically linked to the educator's experience. This article deals with reading in the school environment and its implications in the lives of students from a discursive perspective. It is based on the theoretical-methodological approach to Discourse Analysis, on some authors who discuss the topic and on observations made in Portuguese language classes during my participation in the Pedagogical Residency Program. Education has been severely criticized for years, especially with regard to teaching reading and its improvement by students, since they have difficulties in reading and understanding what they are reading and teachers are unable to develop strategies to overcome this situation.

Keywords: Reading; write; strategies, classroom.

¹Acadêmica do Curso de Letras – Língua Portuguesa e suas Literaturas, no Centro de Estudos Superiores de Tabatinga - CESTB da Universidade do Estado do Amazonas – UEA. E-mail: anapaul9218@gmail.com

²Docente do Curso de Letras da Universidade do Estado do Amazonas-CESTB, Mestre em Letras-Sociolinguística-Linguagem, Língua e Literatura pela Universidade do Estado do Mato Grosso do Sul-UEMS. E-mail: anaqroz_13@hotmail.com

INTRODUÇÃO

Este artigo trata da leitura no ambiente escolar e suas implicações na vida dos alunos sob um olhar discursivo. Através da pesquisa foi possível desenvolver uma análise sobre estratégias discursivas para se obter um bom aproveitamento da leitura. Existem vários tipos de leituras, e neste trabalho objetivo demonstrar que a ação de ler não é somente para o uso acadêmico, é também uma poderosa ferramenta que oferece ao leitor uma visão ampla de mundo, onde o sujeito pode contextualizar suas próprias experiências com o texto lido.

A leitura é um ato de conhecimento importante para todos e, se for bem trabalhada na escola, não sendo tratada como algo linear, pronto e acabado, traz resultados significantes para a formação de leitores competentes. Para que se construa um leitor proficiente, que compreenda os sentidos do discurso e articule-os com seus conhecimentos prévios, tornando-se um sujeito crítico, ativo e indagador, é preciso que a escola propicie atividades de leitura que tenham como foco a interpretação global do texto, não utilizando o objeto de estudo como pretexto apenas para ensinar gramática.

No contexto educacional brasileiro, o livro didático tem sido um instrumento bastante presente nas salas de aula, utilizado, na maioria das vezes, como única ferramenta de leitura dos alunos. Este artigo apresenta algumas considerações em relação ao uso ou não de estratégias discursivas pelo professor na aula de leitura.

1. DISCURSOS SOBRE LEITURA

A leitura constitui-se como um dos avanços na busca do conhecimento sistemático e aprofundado. Ela é a condição para a plena participação no mundo, através dela, pode-se entrelaçar significados, entrar em outros mundos, atribuir sentidos, analisar fatos e com uma postura crítica questionar a realidade.

No processo de ensino-aprendizagem, uma questão que deve sempre ser pensada é a concepção do professor a respeito da natureza do ato de ler, pois como ele é concebido altera em muito a organização do trabalho com a leitura em termos de ensino.

Kleiman (2006) aborda várias concepções de leitura que na visão da autora são práticas empobrecidas, são elas: a leitura como decodificação, a leitura como avaliação e a leitura autoritária.

A leitura como decodificação consiste apenas na tradução dos sinais gráficos em palavras, funcionando como uma espécie de mapeamento entre os sinais gráficos da

pergunta elaborada e sua resposta nítida ao leitor no instante em que este passa o olho pelo texto. Essa concepção estaciona o leitor no tempo, não oferece uma abertura às novas descobertas da leitura.

Já a leitura como avaliação, caracteriza-se por avaliar o educando de acordo com sua capacidade leitora no momento da leitura em voz alta. De acordo com Kleiman (2006, p. 29): “esse é o tipo de prática que inibe ao invés de promover a formação de leitores”.

E a leitura autoritária, está vinculada a ideia de que só há uma maneira de compreender o texto e conseqüentemente interpretá-lo, e por isso a experiência e o conhecimento prévio do aluno são descartados.

Já para Orlandi (1998): “a leitura pode ter vários sentidos como: na escola o aprender a ler e escrever, em termos acadêmicos as várias formas de compreender um texto; também pode uma ideologia ou uma atribuição de sentidos”. Desse modo, para a vertente da Análise do Discurso, ler não é apenas transformar os rabiscos em ideias, varia de pessoa para pessoa de acordo com o seu nível social, o seu contexto de vida, entre outros fatores.

A leitura não pode ser considerada linear, pois existe uma gama de interpretações possíveis que depende do contexto em que tal prática se realiza.

Ao produzirmos sentido a partir de um texto, é necessário que mantenhamos o cerne do contexto textual; todavia é necessário também que retrabalhemos tal conteúdo a partir de nossas próprias experiências, condições e objetivos, o que gera variações nos sentidos produzidos (SOUZA, 2012, p. 36).

A leitura tem o poder de transformar o ser socialmente na forma de pensar e de organizar suas ideias. É lendo que se tem a resposta para todas as perguntas e não apenas para responder a questionários dos professores. Para tanto, precisa-se de suporte para se ter uma leitura compreensível, na qual não somente basta os discursos escritos, mas também o meio que envolve o indivíduo em desenvolver uma leitura compreensível, tornando-a uma prática prazerosa.

A leitura se faz presente na vida do indivíduo a partir do momento em que ele está apto a decifrar e compreender o mundo em que está inserido. No anseio de interpretar os acontecimentos ao seu redor e contextualizar com a sua vida, o indivíduo estará formando um tipo de leitura, mesmo que inconscientemente.

2. REFLEXÃO TEÓRICA

Michel Pêcheux, em Pêcheux (1988, p. 198), comenta que “o processo de produção de conhecimento é um processo sem sujeito, isto é, um processo do qual todo sujeito, como tal, está ausente”. Mas, ele também afirma no mesmo texto que, não existe propriamente um discurso da ciência, ou de uma ciência, pois todo discurso é de um sujeito. Ou seja, o indivíduo não está presente no discurso, ele não é a origem do que diz, o sujeito individual está ausente. Quem fala é um sujeito social, aquele que retoma, em condições específicas, um discurso que já existia antes dele e que é produção sócio-histórica, ideológica. E o autor reforça essa ideia quando diz que, é impossível encontrar um discurso científico que não tenha ligação com alguma ideologia.

Segundo Orlandi (1999, p. 16) “a ideologia, na Análise do Discurso, está na produção da evidência do sentido (só pode ser ‘este’) e na impressão do sujeito ser a origem dos sentidos que produz, quando na verdade ele retoma sentidos pré-existentes”. A ideologia constitui o mecanismo estruturante do processo de significação, ou seja, “(...) as palavras não estão ligadas às coisas diretamente, nem são o reflexo de uma evidência. É a ideologia que torna possível a relação palavra/coisa” (ORLANDI, 1999, p. 95).

Não temos acesso direto à realidade, esse acesso é necessariamente mediado pela ideologia. Assim, a análise do discurso descaracteriza a possibilidade das palavras terem sua origem num sujeito individual. Mesmo sendo ele a falar/escrever, o faz a partir de relações que estabelece com outros discursos produzidos em outros momentos e em outras condições.

A Análise do Discurso compreende a linguagem como uma mediação necessária entre o homem e as realidades social e natural, e o discurso como efeito de sentidos entre locutores. É a partir dessa noção de discurso que me refiro a mesma autora para conceituar a memória discursiva ou interdiscurso como “(...) o já-dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada da palavra. O interdiscurso disponibiliza dizeres que afetam o modo como o sujeito significa em uma situação dada” (ORLANDI, 1999, p. 31).

Considerando que a ideologia está na produção do sentido e na impressão do sujeito ser a origem dos sentidos que produz, retomo Orlandi para compreender “(...) a necessidade de se pensar o gesto de interpretação como lugar de contradição: é o que permite o dizer do sujeito pela repetição (efeito do já-dito) e pelo deslocamento (historicização)” (ORLANDI, 1999, p. 16).

A autora também admite que a leitura é produzida em determinadas condições de produção e propõe considerá-la como o momento crítico de constituição do texto, o momento em que os interlocutores desencadeiam o processo de significação. São as condições de produção e os fatores que constituem essas condições é que vão configurar o processo da leitura.

Para facilitar a compreensão de um discurso, há uma série de estratégias que podem ser realizadas antes, durante e após a leitura. A mediação do professor é fundamental para que os alunos ganhem autonomia e desenvolvam a competência leitora. Sobre isso, as Estratégias Discursivas de leitura podem ser consideradas como formas de abordar o texto. Aponta Espinoza:

É necessário criar situações-problemas que gerem dúvidas instigantes sobre o tema a estudar e permitem que os estudantes revelem suas concepções por meio de conversas, desenhos e textos próprios. O resultado é que no momento da leitura eles já terão uma concepção mínima do assunto, diferentes do que tinham no início dos trabalhos (ESPINOZA, 2007, p. 20).

Ao gerar um conflito, uma discussão sobre um tema do conhecimento do aluno é muito interessante, pois no momento desse debate, há uma troca de conhecimento bastante favorável aos educandos.

2.1 A IMPORTÂNCIA DA LEITURA

Aprender a ler requer esforço da parte de quem se apropria desse conhecimento, pois todo aprendizado leva tempo e dedicação. Mas para aprender outras coisas também é importante que saibamos ler, aliás, não se aprende nada se deixarmos a leitura de lado. De uma forma ou de outra é bom que o aluno leia.

Em cada texto há uma variedade de significados explícitos e implícitos e o aluno precisa estar consciente dessa diversidade, nem sempre exposta pelo produtor do texto. A tarefa de interpretação de texto é posta como um impulsionamento para melhor compreender as intenções do autor, captá-las e identificar o que realmente significam, mas não podemos deixar de lado as diferentes formas de compreensão, pois um mesmo texto pode conter variadas interpretações e leituras. Os alunos com a decodificação da escrita devem ir além das palavras, devem enxergar o sentido ou os sentidos com que elas se apresentam.

O professor, como maior mediador, precisa apresentar aos seus alunos as mais variadas formas de leitura, para que possam se tornar leitores capazes de dominar toda e qualquer forma de informação disponível no seu cotidiano. A escola é um ambiente

favorável para a leitura, é nela que a leitura pode ser mais enfocada, pois a troca de assuntos, de temas, de experiências é contínua, e é neste local que se pode sanar dúvidas e interagir com o outro e com outro mundo através de diferentes materiais. É aqui que o sujeito se descobre como leitor, concentrando maior quantidade de tempo, de experiências e aprofundando sobre uma ampla área de novo conhecimento.

3. METODOLOGIA

A corrente teórico-metodológica utilizada foi a Análise do Discurso. Se adequou a pesquisa porque a Análise do Discurso no que se refere às práticas de análises discursivas, exerce efeitos consideráveis na teorização sobre o fenômeno da leitura e sua prática em instituições de ensino. A pesquisa propôs-se a discutir esses efeitos, e apontou tanto para os avanços quanto para os impasses trazidos pela Análise do Discurso para o campo de estudos sobre a leitura e a prática de leitura.

Halliday (1994), afirma que, na análise do discurso, há sempre dois níveis de alcance. Um é a contribuição para a compreensão do texto: a análise linguística mostra como e por que o texto significa o que significa. Porém, o alcance maior é a contribuição para a avaliação do texto: a análise linguística mostra por que o texto é, ou não é, um texto efetivo para seus propósitos - como é ou não bem sucedido. Portanto, toda e qualquer escolha léxico-gramatical realizada pelo usuário da língua está condicionado ao contexto: a língua é um sistema de escolhas ao dispor do usuário para desempenhar funções sociais.

A metodologia utilizada teve como base um referencial bibliográfico e a análise qualitativa dos dados apresentados. A pesquisa científica foi iniciada por meio da pesquisa bibliográfica, onde busquei por obras já publicadas relevantes para conhecer e analisar o tema da pesquisa a ser realizada. Ela nos auxilia desde o início, pois é feita com o intuito de identificar se já existe um trabalho científico sobre o assunto da pesquisa a ser realizada, colaborando na escolha do problema e de um método adequado, tudo isso só é possível baseando-se nos trabalhos já publicados.

Segundo Oliveira (2005, o método qualitativo):

É um processo de reflexão e análise da realidade através da utilização de métodos e técnicas para compreensão detalhada do objeto de estudo em seu contexto histórico ou/e segundo estruturação. Esse processo implica em estudos segundo a literatura pertinente ao tema, observações, aplicação de questionários ou/e entrevistas e análise de dados que deve ser apresentada de forma descritiva (2005, p. 41).

A abordagem qualitativa fez uma aproximação essencial e de intimidade entre sujeitos e objeto, partilhou sentimentos e emoções envolvendo o projeto, a partir daí as ações e as estruturas se tornaram significativas, tendo por objetivo traduzir e expressar o sentido dos fenômenos do mundo social, fazendo uma interpretação do nosso dia-a-dia.

O tipo de triangulação utilizada foi a de fontes, na qual as descobertas do estudo de caso são sustentadas por mais de uma fonte de evidência. Os questionários nesse tipo de pesquisa, serviu primeiramente como uma sondagem do perfil do leitor do educando e antecede uma possível intervenção.

Diante disso, este artigo pode contribuir para uma reflexão sobre o processo de desenvolvimento de estratégias discursivas de leitura, bem como a importância da elaboração de atividades que levem o aluno a produzir sua leitura, tornando-o capaz de posicionar-se criticamente frente ao que lêem. Mediante esse tipo de pesquisa e análise, acredita-se que nós, educadores, poderemos encontrar novos caminhos, mais eficazes e efetivos que levam a uma transformação positiva do ensino.

3.1 UM OLHAR DISCURSIVO NA AULA DE LEITURA

A partir daquilo que se entende como processo de leitura mediante o ensino deve-se observar se os alunos se transformaram em leitores ativos e autônomos para que aprendam de forma significativa as estratégias discursivas responsáveis por uma leitura eficaz e capaz de utilizá-las em diversos contextos comunicativos.

A leitura pode proporcionar ao leitor um mundo de conhecimentos, assim como, ele também deve estabelecer estratégias para uma completa compreensão do texto. É fundamental que os educadores estejam atentos à ideia de que conhecer a natureza do processo de leitura, assim como o processo pelo qual os sentidos de um texto são construídos se faz indispensável para uma aprendizagem efetiva dos seus educandos.

É evidente as dificuldades que os alunos têm em relação a leitura e sua compreensão na sala de aula, e também a dos professores em estimular o interesse de seus alunos pela prática da leitura como uma das principais fontes de conhecimentos adquiridos em tempo real, desenvolvendo neles o prazer em ler desde muito cedo. Alguns fatores que tornam a leitura muitas vezes difícil é a falta de compreensão discursiva dos alunos, o texto que pode não ter sido bem elaborado, ou que não é adequado para ser trabalhado com a faixa etária em questão, ou até mesmo a falta de conhecimento prévio do assunto que está sendo lido. Durante as aulas de Língua

Portuguesa pude observar de perto essas dificuldades dos alunos, foi possível encontrar alunos que liam um texto, porém não conseguiam compreender de fato o que liam, diante disso, significa afirmar que dessa forma a leitura não foi concebida, processada pelo aluno, existiu apenas um processo de decodificação, e se ele não soube se posicionar sobre o tema lido, certamente não entendeu o contexto. Por isso me atrevo a afirmar que não se entende algo que não se conhece.

Para o processo de aprendizagem de leitura, não basta apenas reconhecer as palavras e juntá-las dando significado à palavra. Para que se alcance uma leitura sólida e prazerosa é importante que a criança compreenda a função da leitura e, principalmente o porquê de ela querer aprender e, para isso deve estabelecer estratégias para uma completa compreensão do texto.

A sala de aula deve ser transformada num espaço de leitura que estimule a exploração de vários sentidos dos textos de forma que faça a leitura ser prazerosa e significativa. Deve ser permitido ao aluno construir a sua própria leitura e, não apenas deixá-lo repetir uma leitura do professor, pois a leitura do aluno é a manifestação da sua leitura de mundo, da sua leitura de vida. E isso varia muito de uma pessoa para outra. As atividades de leitura devem levar o aluno à construção de uma leitura profunda para desenvolver a sua capacidade de análise.

Esse trabalho vai contribuir para engrandecer a visão dos educadores sobre a inclusão de estratégias discursivas na sala de aula e, conseqüentemente, auxiliar no processo de ensino-aprendizagem de forma mais efetiva e eficaz, oferecendo possibilidades para modificar práticas de ensino e buscando formar cidadãos críticos, autônomos e principalmente leitores. É evidente que a discussão aqui iniciada não é a resposta definitiva para a solução do problema discutido, mas é um apontamento de possíveis causas e, conseqüentemente, algumas sugestões de intervenção para efeitos negativos ainda muito presentes nas aulas de leitura.

4. RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA

O Programa Residência Pedagógica (PRP) é uma iniciativa do Ministério da Educação (MEC) junto à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

A atividade consiste em proporcionar aos estudantes de Licenciatura bolsas para intervenção docente nas escolas, com orientação da faculdade e sob a supervisão dos

educadores das instituições preceptoras. Desde 2018 que essa residência faz parte do modelo brasileiro de formação de professores, e tem se tornado imprescindível para a nossa vida profissional.

Visto que o programa de residência para formação de docentes não aponta só a possibilidade de qualificação profissional. Afinal de contas, são vários envolvidos no processo, e a instituição de ensino preceptor também tem muito a ganhar. Isso porque o residente atua na escola de maneira ativa, com uma postura investigativa e reflexiva em relação à prática docente e às possíveis formas de intervenção e melhorias na educação.

4.1 TRAJETO ATÉ A RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA

Sempre busquei aprimorar cada vez mais a minha vida acadêmica, estar sempre presente no âmbito escolar, me voluntariando muitas vezes para estar em contato com alunos e professores da rede de ensino público, para que assim pudesse observar e refletir sobre as metodologias desenvolvidas nas escolas.

Em 2020, a minha querida amiga e professora Rocilange Salles Cabral veio até mim e comentou sobre o Programa Residência Pedagógica e do projeto que a professora Adriana Aparecida das Neves de Queiroz submeteu e que já tinha sido aprovado pela CAPES e as vagas de residentes já estavam abertas. Logo agilizei toda a documentação necessária e consegui entrar na equipe dos residentes.

Coordenadora Geral: Meire Botelho

Coordenadora de Área: Adriana Aparecida das Neves de Queiroz

Professora Preceptora: Rócia Baez Leão

Objetivo Geral do Projeto: Trabalhar variados tipos de textos e escrita com os alunos.

Objetivos Específicos: Mostrar aos alunos diferentes métodos de escrever e expressar suas histórias; Instigar os adolescentes a escrever sobre seu cotidiano na escola, com amigos e familiares; Confeccionar um diário individual ou um livrinho bibliográfico.

A proposta da Residência Pedagógica é muito interessante, e traz inúmeras vantagens, pois objetiva aperfeiçoar, fortalecer e promover uma relação positiva e frutífera entre professor, aluno e escola. Foi através da residência que tive a oportunidade de vivenciar o ambiente escolar ainda cursando a faculdade. Isso ajuda a evitar que os professores recém formados cheguem ao mercado de trabalho sem experiência e vivência na área, o que também acarreta frustração e arrependimentos advindos de falsas expectativas.

Além de conhecer de perto o dia a dia da profissão antes da conclusão da graduação, a residência também carrega um enorme peso no currículo. Afinal, já não é somente a formação acadêmica, mas ainda uma bagagem prática fundamental e enriquecedora.

E para mim o fator mais importante, é a conquista da segurança para atuar na sala de aula, já que a primeira experiência de um professor costuma ser muito desafiadora em relação ao perfil das suas turmas. Saber o que fazer e como agir diante de determinadas situações delicadas no ambiente escolar vai além das teorias ensinadas nas disciplinas da graduação, e por isso, a vivência na rotina de uma instituição é essencial.

4.2 ESTRATÉGIAS DE LEITURA NA ESCOLA

O propósito básico de qualquer leitura é a apreensão e atribuição de significados. Não basta decodificar, é preciso se colocar no texto, contribuindo e atribuindo-lhe significado, proporcionando ao leitor uma tomada de consciência para compreender-se no mundo de maneira crítica e interativa.

A escola deve considerar a importância e a inserção da leitura no processo de ensino-aprendizagem de forma dinâmica e agradável, utilizando-se de estratégias discursivas de leitura. Dessa forma, a escola desempenha um papel fundamental na construção da autonomia e da identidade de cada educando.

Ler também pode ser divertido, e isso é possível através do lúdico, pode-se envolver os alunos em situações exultantes, contextualizadas e relevantes que explorem a compreensão e a produção de textos de vários gêneros, orais e escritos. A este respeito Dayrell (1999, p. 18) explica: “(...) para a aprendizagem se efetivar, é necessário levar em conta o aluno em sua totalidade, retomando a questão do aluno com um sujeito sociocultural, quando sua cultura, seus sentimentos, seu corpo, são mediadores no processo de ensino e aprendizagem”.

A leitura é muito mais do que um instrumento escolar. Ela funciona como um passaporte para a cidadania, e por isso a escola deve oferecer conhecimentos e espaços voltados para a leitura, objetivando ensinar os seus alunos a entender o mundo e agir com autonomia diante de determinadas situações, pois as pessoas desprovidas dessa aprendizagem, jamais conseguirão atuar como indivíduo participativo na sociedade.

Sabe-se que as escolas utilizam a leitura como avaliação da aprendizagem, transformando-a em uma obrigação e não uma forma de prazer, tendo em vista que a maioria dos professores se limita apenas em usar os textos retirados dos livros didáticos, dando prioridade apenas à Gramática. Esse é um ponto primordial que a escola precisa rever, com relação ao material didático, este deve funcionar como um instrumento teórico capaz de ajudar os professores a melhorar sua metodologia de ensino, contribuindo assim para a concretização de um ensino produtivo.

A leitura é uma parte indissociável do processo de ensino-aprendizagem. Sendo assim, a escola necessita assumir verdadeiramente sua parcela de responsabilidade na formação de alunos/leitores capazes de participar com segurança e discernimento das práticas sociais, e para isso, se faz necessário que a escola e os professores priorizem a leitura como uma atividade essencial para a formação dos alunos.

Cabe ao professor também, promover durante sua aula leituras de aprofundamento dos textos, vivenciando o encantamento da descoberta coletiva, das inúmeras interpretações compreendidas e do sentido extraído por cada aluno. É preciso que o professor apresente também como leitor, demonstrando ao aluno seu prazer pela leitura.

A leitura em tempo algum deve ser imposta pelo docente ou empregada como forma de castigar o aluno. Esta atitude só contribui ainda mais para que as crianças não gostem e não sintam prazer durante a leitura. Acaba criando uma barreira difícil de ultrapassar. Há também as práticas tradicionais de leitura, inclusive são as mais frequentes nas escolas, são aquelas que levam o aluno apenas à leitura mecanizada, simplesmente ler por ler, decodificar as palavras lidas em voz alta. Essas atividades não fazem com que o aluno reflita sobre o texto lido, fazendo inferências sobre ele, opinando sobre o tema do texto, posicionando-se contra ou a favor.

Diante disso, pode-se dizer que trabalhar a leitura em sala de aula deve, então, ser diferente das atividades centradas somente na retirada de informações que habitualmente ocorre no cotidiano de sala de aula. Nesse contexto, torna-se fundamental que o docente auxilie o discente para que ele vá além do que sempre vê e ouve, podendo estabelecer novas relações e associações e expressar-se de maneira diferente, tornando-se mais criativo.

O mais importante no processo ensino-aprendizagem é o comprometimento do educador com a educação, devendo estar aberto a novos conhecimentos e a novas

metodologias, procurando sempre uma ligação de prazer e troca com seus alunos, fundamentando os usos da leitura e suas estratégias discursivas.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo nos faz refletir sobre a atuação do professor frente a seus alunos, no que se refere ao desenvolvimento e a produção de estratégias discursivas na aula de leitura. O ensino-aprendizagem do processo de leitura é um dos grandes desafios nos dias de hoje, pois precisa ser visto com um novo olhar pelos profissionais da educação, um olhar mais discursivo, tendo em vista que não se trata apenas de um processo de decodificação do código linguístico, e sim atribuir sentidos e reflexões. A leitura faz parte do cotidiano do cidadão e está presente em todos os espaços e a todo momento cumprindo diferentes funções sociais.

A escola juntamente com os paradigmas tradicionais de ensino da leitura, deve abrir-se ao novo, adotar uma nova postura e estratégias discursivas que provoquem no aluno o gosto pela leitura e sua relevância. Essa relação entre a escola e a leitura poderia ser muito mais significativa se o professor não se distanciasse tanto do contexto social do aluno.

É importante ressaltar que é possível o professor propor atividades de compreensão, não se limitando apenas à estrutura sintática do texto que não favoreça a produção de sentidos e sim que transformem os alunos em leitores críticos. Os educadores devem pensar em soluções que possam trazer novas perspectivas ao ensino e, particularmente, ao modo de produção de estratégias discursivas de leitura na escola, buscando sempre, práticas que favoreçam a constituição dos alunos em sujeitos-leitores-críticos.

REFERÊNCIAS

DAYRELL, Juarez. **Juventude, grupos de estilos e identidade**. Educação em Revista, n° 30, 1999.

ESPINOZA, Ana Maria. **É preciso ajudar os alunos a entender os textos**. Nova Escola. Abril: São Paula, Dezembro, 2007.

HALLIDAY, M. A.K. **Introduction to Functional Grammar**. Londres: Edward Arnold, 1994.

KLEIMAN, Ângela. **Texto e leitor**: Aspectos cognitivos da leitura. Campinas, São Paulo: Pontes, 2006.

OLIVEIRA, Maria Marly de. **Como fazer pesquisa qualitativa**. Recife: Ed. Bagaço, 2005.

ORLANDI, E. P. **Discurso e leitura**. 4. ed. São Paulo: Cortez; Campinas SP: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1998.

ORLANDI, E. P. **Análise de Discurso**: princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 1999.

PÊCHEUX, M. **Semântica e Discurso**. Uma crítica à afirmação ao óbvio. Campinas: Editora da Unicamp, 1988.

SOUZA, Ana Cláudia de. **A produção de sentidos e o leitor**: os caminhos da memória. Florianópolis: NUP/CED/UFSC, 2012.